

# EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)  
Cursos Gerais — Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos  
2000

1.ª FASE  
1.ª CHAMADA

## PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

### CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO E COTAÇÕES

A INDICAÇÃO DO NÚMERO DE LINHAS/PALAVRAS VISA APENAS ORIENTAR O ALUNO RELATIVAMENTE AO GRAU DE DESENVOLVIMENTO DA RESPOSTA, PELO QUE NÃO SE PROPÕE QUALQUER PENALIZAÇÃO PARA O NÃO CUMPRIMENTO DESSA INDICAÇÃO.

#### GRUPO I

##### Questões 1. e 2.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Rigor da análise .....	10 pontos
Coerência lógica do discurso.....	7 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica.....	4 pontos
Correcção da expressão escrita .....	4 pontos
<b>TOTAL</b> .....	<b>25 pontos</b>
<b>TOTAL das Questões 1. e 2.</b> ..... (2 × 25) = .....	<b>50 pontos</b>

- A **inadequação** da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A **mera transcrição** de frases do texto implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

##### Questão 3.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Adequação dos conhecimentos mobilizados.....	35 pontos
Coerência lógica do discurso.....	15 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica.....	10 pontos
Correcção da expressão escrita .....	10 pontos
<b>TOTAL da Questão 3.</b> ..... (1 × 70) = .....	<b>70 pontos</b>
<b>TOTAL DO GRUPO I</b> .....	<b>120 pontos</b>

- A **inadequação** da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- Se a resposta **não manifestar** conhecimento da obra, a pontuação será de 0 (zero) pontos.

V.S.F.F.

114/C/1

## GRUPO I

### Tópicos de conteúdo:

#### DA NATUREZA, Parménides

1. Decisão que limita a investigação: é ou não é.  
O que não é não pode ser pensado, nem dito, porque não é.  
Resta apenas a via do ser, fica excluída a do não-ser.
2. Admitir a geração e a destruição implica admitir o não-ser.  
É insustentável fazer surgir o ser do não-ser («Jamais a força da persuasão pode consentir...»)  
Ser é ser «inteiramente», nada pode ser acrescentado ou retirado ao ser.  
O que é não pode estar sujeito à geração e à destruição.
3. A questão do saber como tema central da investigação.  
A análise das condições do pensar como solução para o problema do saber:  
– princípios lógicos fundamentais – identidade, contradição, terceiro excluído;  
– necessidade de razão suficiente.  
As condições do pensar são as condições do ser: o ser é idêntico a si mesmo, o não-ser é impossível.  
Não há alternativa no plano do saber entre o ser e o não-ser. A afirmação da possibilidade dos contrários é opinião (aparência).

#### GÓRGIAS, Platão

1. A «verdadeira arte política» tem como objectivo o bem («o melhor»).  
A política habitual motiva a lisonja e não o bem.  
Sócrates, pelo que diz e pelo que faz, visa o melhor e não o mais agradável.
2. Os juízes sobrepõem os prazeres («benefícios e serviços») à verdade.  
O justo identifica-se com o verdadeiro e não com os prazeres (o agradável).  
Quem fala em nome da justiça (e da verdade) arrisca-se a perder as causas.
3. Crítica da retórica e da política – dos valores e das atitudes representados por Polo e por Cálicles:  
a retórica ao serviço da política na procura do prazer da multidão.  
O saber filosófico como condição da verdadeira política, da procura do melhor, da prática da justiça.  
O filósofo não teme a morte, mas sim o maior dos males: cometer a injustiça.

#### FÉDON, Platão

1. Vale a pena «arriscar», em nome de uma crença, o sacrifício dos prazeres na vida terrena, praticando a virtude.  
A crença numa compensação das almas justas, na vida futura, decorrente da tradição religiosa grega, vem confirmar as conclusões do exame racional (filosofia) sobre a imortalidade da alma.
2. A alma é imortal.  
Encontra na sabedoria o seu máximo prazer.  
Prepara a ida para o Hades cultivando as virtudes: temperança, justiça, liberdade e verdade.

3. A imortalidade da alma: argumentos favoráveis.  
Natureza da alma; suas relações com o corpo.  
O alvo da Filosofia.  
O destino das almas.  
O significado do recurso ao mito.

#### CATEGORIAS, Aristóteles

1. A espécie está mais próxima da substância primeira do que o género.  
As espécies estão, quanto aos géneros, na mesma relação que as substâncias primeiras estão, quanto às outras substâncias: a relação da espécie com o género é a relação do sujeito com o predicado; as substâncias primeiras são sempre sujeito.
2. O género e a espécie definem a substância primeira (a espécie mais do que o género).  
Qualquer outra categoria usada para definir a substância primeira dá uma explicação imprópria.
3. Análise da categoria da substância (a categoria mais importante).  
Relação entre género, espécie, predicado, sujeito («ser dito de» e «estar em»)  
Primazia da substância individual.

#### O MESTRE, S. Agostinho

1. A locução – palavras sonantes – não é necessária para a oração. (Deus deve ser procurado no íntimo da alma racional – «o homem interior» – mas não pretende ser rememorado nem ensinado pela locução); apesar de pensarmos que falamos interiormente, o que fazemos, de facto, é rememorar.  
Ocasionalmente – caso dos sacerdotes que se dirigem aos fiéis –, a locução serve como factor de rememoração e de harmonização de sentimentos dos homens perante a divindade.
2. Cristo não ensinou palavras.  
Cristo ensinou realidades (através das palavras), para que os discípulos, quando rezassem no íntimo da consciência, recordassem a quem se deviam dirigir e o que deviam pedir.
3. A limitação das palavras como factor de aprendizagem: não constituem origem de conhecimento.  
Valorização do ensino sem palavras – conhecimento ostensivo das próprias coisas.  
O mestre interior – ensino ostensivo adequado ao conhecimento racional, inteligível – oposto ao mestre exterior (que nada ensina).

#### PROSLOGION, S. Anselmo

1. Distinção entre inteccionar o que se ouve (a realidade está no intelecto) e inteccionar a existência daquilo que se ouve – essa realidade existe. O insipiente tem de reconhecer, pelo menos, que «alguma coisa, maior do que a qual nada se pode pensar» existe no seu intelecto, ainda que ele não inteccione que essa realidade existe.
2. Uma realidade que não se pode pensar que não exista é superior a uma realidade que se pode pensar que não existe.  
Não admitir a existência de «aquilo maior do que o qual nada se pode pensar» é cair em contradição.
3. Objectivo fundamental da obra: prova da existência de Deus, através de um único argumento imbatível (a negação da existência de Deus equivaleria a uma contradição lógica).

V.S.F.F.

114/C/3

---

## O SER E A ESSÊNCIA, S. Tomás de Aquino

1. A essência de um ser material é o composto de matéria e dínase e não só de dínase ou só de matéria.  
A existência de um ser corporal, material, é a do composto e não a de uma das suas partes.  
Uma coisa recebe o nome de ser pela essência: uma realidade diz-se existir segundo a essência.
2. O princípio da individualização é a matéria concretizada (*signata*), introduzida na definição do indivíduo.  
A matéria considerada de qualquer modo implicaria a impossibilidade de definir o universal (a essência – composta de matéria e dínase – seria particular).  
O princípio da individualização tem de ser a matéria concretizada – submetida a dimensões determinadas.
3. Explicação do modo como o ser e a essência entram nas várias realidades.  
Resolução do problema lógico da relação entre ser, essência, género, espécie.  
Valorização da existência concreta – resposta original ao problema da individuação.

## REDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, S. Boaventura

1. Trata-se da segunda luz – um conhecimento inferior.  
Ilumina-nos na apreensão das formas naturais.  
Efectua-se pela acção da luz corporal (acção múltipla – cinco sentidos).
2. A justificação baseia-se na correspondência mútua entre o órgão, o meio e o objecto:  
– a luz, que serve para distinguir as coisas corporais, ou se encontra na sua máxima pureza ou se encontra misturada com o ar, o vapor, a água ou a espessura da terra, constituindo objecto, respectivamente, da vista, do ouvido, do olfacto, do gosto e do tacto;  
– o espírito sensitivo possui a natureza da luz, que se diversifica nos cinco sentidos, conforme a sua maior ou menor pureza;  
– os corpos simples do mundo são cinco (quatro elementos e quinta essência).
3. Caracterização de cada uma das iluminações – conhecimentos (neste caso, a segunda luz – conhecimento sensível).  
Hierarquização dos vários conhecimentos.  
Redução das ciências à teologia.

## GRUPO II

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Plano prévio – estrutura e adequação .....	8 pontos
Mobilização de conhecimentos* .....	20 pontos
Posicionamento crítico/problematizador** .....	20 pontos
Coerência lógica do discurso .....	20 pontos
Correcção da expressão escrita .....	12 pontos
TOTAL .....	(1 × 80) = 80 pontos
<b>TOTAL DO GRUPO II</b> .....	<b>80 pontos</b>

- Se o aluno não identificar a obra, e não **resultar óbvio** do seu texto a que obra se está a referir, ou se escolher um par obra-tema diferente dos indicados, a pontuação será de 0 (zero) pontos.
- A **inadequação da resposta** à questão implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

Dado o objectivo deste grupo, os tópicos a seguir apresentados são meras sugestões.

Serão de aceitar respostas diversificadas, desde que se reportem a **um dos pares obra-tema indicados na prova** e revelem uma selecção adequada dos conhecimentos da obra e um posicionamento crítico.

---

\* Desdobrável em:

- selecção correcta dos conhecimentos, para desenvolver o tema escolhido;
- utilização precisa da terminologia filosófica.

\*\* A resposta deve reflectir uma apropriação pessoal dos conhecimentos, apresentando uma apreciação do modo como o tema foi tratado pelo autor na obra.

**V.S.F.F.**

114/C/5

---

## GRUPO II

### Tópicos de conteúdo:

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, R. Descartes

TEMA: O estatuto da dúvida

A filosofia, como entrega à pesquisa/exame da verdade, tem como primeiro momento a dúvida.

Razões que justificam a dúvida:

- precisamos de nos libertar de preconceitos formados quando éramos crianças;
- temos a consciência do erro em que os sentidos nos fazem cair várias vezes e a experiência enganadora do sonho – dúvida relativa às coisas sensíveis;
- temos a experiência do erro ao raciocinar – dúvida relativa às demonstrações matemáticas;
- admitimos a hipótese de um Deus enganador;
- admitimos a hipótese de sermos auto-suficientes – maior possibilidade de estarmos sempre enganados.

Consequências da dúvida:

- rejeição de opiniões outrora recebidas na mente, antes de as examinarmos de novo;
- rejeição, como falsas, de todas as coisas onde se possa imaginar a menor dúvida.

A dúvida como resultado do exercício da liberdade do sujeito.

O exercício da dúvida só possível mediante a suposição da existência do sujeito.

A dúvida como critério de verdade.

Limites do âmbito da dúvida:

- no domínio da acção: impossibilidade material de generalizar a dúvida – impeditiva da acção; necessidade de aceitar opiniões apenas prováveis, para evitar o atraso na acção, e seguir numa via, ainda que essa via não seja mais provável do que outra;
- no domínio da teologia: aquilo que Deus revelou é incomparavelmente mais certo do que tudo o resto;
- no domínio do conhecimento: impossibilidade da dúvida face àquilo que se conhece claramente.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, J. Locke

TEMA: Liberdade e tolerância

A liberdade como característica essencial de uma existência verdadeiramente humana (está na origem da sociedade civil e da igreja).

A liberdade do juízo como essencial ao homem (extensível aos assuntos de carácter religioso).

Impossibilidade de o entendimento humano ser coagido por uma força exterior a si: o entendimento tem de, por si próprio, encontrar a verdade.

Liberdade como direito e poder indestrutível.

A fé e a salvação como dependentes única e exclusivamente do indivíduo: nem Deus pode salvar alguém sem o seu consentimento.

O uso da força não promove a crença e torna-se negativo para a paz civil – endurecimento dos crentes na sua fé.

A liberdade, não como direito de fazer tudo o que se deseja, mas como o direito de cada homem realizar a sua natureza humana, implica a obrigação de, no caso de oposição entre os ditames da consciência e a lei civil, agir de acordo com a sua consciência, mas de se submeter às sanções previstas pela lei.

Garantia e salvaguarda da liberdade apenas no quadro do estado civil (o homem não pode realizar a liberdade no estado de natureza).

Exclusão da tolerância de todos os que defendem dogmas ou práticas religiosas contrárias aos bens e à paz civis, à autoridade e à autonomia do Estado (papistas) e dos que, negando a existência de uma divindade (ateus), põem em causa o fundamento moral da sociedade civil.

Fundamento da tolerância na defesa da liberdade essencial ao homem e da paz civil.

## DISCURSO DE METAFÍSICA, G. Leibniz

### TEMA: Origem do conhecimento

A ideia como objecto imediato do nosso pensamento: qualidade da alma se representar qualquer natureza ou forma quando surge a oportunidade de pensar nela; a ideia existe sempre em nós, quer pensemos nela ou não, porque «a nossa alma exprime Deus, o universo e todas as essências, assim como todas as existências».

Existência, na alma, de uma potência passiva – que lhe permite ser afectada – e de uma potência activa – que lhe permite a produção futura do pensamento.

Correspondência entre o que se passa no universo e as percepções da alma, que provêm da sua própria natureza.

Apreciação crítica da teoria platónica da reminiscência (a preexistência é um erro):

- o nosso espírito possui as formas desde sempre – o espírito pensa sempre os seus pensamentos futuros (pensa de um modo confuso aquilo que, mais tarde, vai pensar com distinção);
- nada nos pode ser ensinado cuja ideia não tenhamos já no nosso espírito – a ideia é a matéria com que se forma o pensamento;
- a alma sabe tudo de um modo virtual – só precisa de reflexão para conhecer as verdades (possui as ideias de que essas verdades dependem).

Crítica da posição aristotélica, embora esta seja «mais conforme às opiniões do vulgo».

Só Deus age sobre a nossa alma, originando imediatamente a percepção:

- as ideias que temos na nossa alma devem-se à contínua acção de Deus sobre nós – a essência da nossa alma é uma «certa expressão, imitação ou imagem da essência, pensamento e vontade de Deus e de todas as ideias nela compreendidas»;
- as ideias estão na nossa alma, e não em Deus; ela apenas exprime Deus, como um efeito exprime a causa.

Reconhecimento da proveniência exterior dos conhecimentos sensíveis e da independência da alma relativamente à exactidão das verdades metafísicas.

## FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, I. Kant

### TEMA: O homem enquanto liberdade

O homem toma consciência de si pela forma como a sua consciência é afectada, mas admite, sob essa realidade composta por fenómenos, uma outra verdade, que lhe serve de fundamento.

O homem é parte integrante do mundo sensível (no que diz respeito à receptividade das sensações) e do mundo inteligível (pelo que nele possa haver de actividade pura, espontaneidade).

Pontos de vista a partir dos quais pode conceber-se a si mesmo e conceber as leis do exercício das suas faculdades:

- enquanto sensível, submetido a leis da natureza (heteronomia);
- enquanto parte do mundo inteligível, submetido a leis independentes da natureza, não empíricas, fundadas unicamente na razão (autonomia).

O homem como ser racional, enquanto inteligência, deve olhar para si mesmo como pertencendo ao mundo inteligível, e não ao sensível; só pode conceber a causalidade da sua vontade (causalidade das acções que se podem realizar apenas mediante a renúncia aos desejos e inclinações sensíveis) sob a ideia de liberdade (independência relativamente às causas do mundo sensível); reconhece-se como submetido à lei do mundo inteligível, isto é, à razão (que contém essa lei na ideia de liberdade) e à autonomia da vontade.

A ideia de liberdade torna o homem membro de um mundo inteligível. O homem reconhece-se como livre, o que lhe permite formular juízos morais.

Todo o ser racional, como fim em si mesmo, deve assumir-se como autor de uma legislação universal; o homem é legislador de uma comunidade de homens livres.

**V.S.F.F.**

114/C/7

## INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA, G. W. F. Hegel

TEMA: O objecto da filosofia

O carácter processual e dialéctico do objecto e do saber filosóficos – dialecticidade do real e historicidade do ser.

Crítica do preconceito habitual segundo o qual a filosofia só tem a ver com abstrações, universalidades vazias.

O objecto da filosofia é a Ideia – o desenvolvimento, integração do múltiplo, do espírito que é uno.

A filosofia tem a ver com universalidades – está no domínio do pensamento –, mas é inimiga do abstracto, o seu conteúdo só é abstracto quanto à forma: a Ideia é essencialmente concreta, unidade de diferentes determinações.

O assunto do filosofar: mostrar que o verdadeiro, a Ideia, não é uma universalidade vazia, mas um universal que é, em si próprio, o particular, o determinado.

O objecto da filosofia como desenvolvimento pensante da Ideia: a Ideia universal, anteriormente mais indeterminada, torna-se mais determinada.

## TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX,

Antero de Quental

TEMA: Significado e valor da filosofia

A Filosofia é eterna (como o pensamento humano), instável, sujeita a progresso e retrocesso, sempre igual a si mesma e sempre diferente, potência infinita e acto limitado.

A sua incurável imperfeição é condição da sua indestrutível vitalidade; a sua relatividade é a sua razão de ser, alimenta-se das suas próprias dúvidas – dúvida como factor de fecundidade.

A cada período histórico corresponde a sua filosofia: diversos sistemas como momentos e modalidades do espírito geral e total do período.

A verdadeira filosofia de uma época como a síntese do pensamento dessa época.

A verdade filosófica não é total nem definitiva, não é saber absoluto, mas sim factor de progresso; é simbólica, imagem imperfeita da verdade incognoscível (apresenta alguns traços do inatingível original) – participa do absoluto mas não é o absoluto.

Exigência dos espíritos práticos: os filósofos devem apresentar resultados e não disputas.

A ciência como irmã da filosofia e não sua serva.

Aplicação da filosofia na história (como aquilo que a filosofia é realmente, historicamente falando): o que dela aceitam e fazem seu aqueles que não são filósofos.

## A ORIGEM DA TRAGÉDIA, F. Nietzsche

TEMA: Limites do conhecimento teórico

O uno primordial como o verdadeiro existente, como coisa em si.

O espírito dionisíaco e o espírito apolíneo como forças que brotam da natureza – essência dionisíaca e aparência apolínea.

Apolo como deus da forma, da medida, da individuação, da calma sabedoria; a ilusão apolínea oculta a verdadeira natureza do homem e do mundo, sob o véu de Maia.

A ciência – conhecimento conceptual, lógico, teórico – cria a possibilidade de avistar os seus próprios limites. O significado do sonho de Sócrates no cativo – a hesitação quanto aos limites da lógica: a arte como complemento da ciência?

A palavra – órgão e símbolo das aparências – incapaz de esgotar o simbolismo universal da música: «a música é a expressão simbólica do antagonismo e dor universais conflito que está no coração do Uno primordial» e simboliza uma esfera anterior e superior a toda a aparência, a essência eterna das coisas.



A impossibilidade de penetrar na essência das coisas por meio das leis da causalidade: fim da pretensão da ciência a uma validade e a uma finalidade universais.

Só por símbolos se pode exprimir a essência da natureza – para exprimir a Unidade primordial é necessária toda a simbólica do corpo humano.

Através do ditirambo rasga-se o véu de Maia: desindividuação, Unidade Primordial.

A palavra não ultrapassa o mundo fenomenal; na sabedoria mais profunda o poeta não diz o ser pelas palavras, mas pode dizê-lo enquanto músico.

DA CERTEZA, L. Wittgenstein

TEMA: Linguagem e sociedade

Existência de um fundo de referências adquiridas, base de crenças e convicções implícitas em qualquer proposição empírica: todo o conhecimento tem como origem convicções aprendidas de um modo não reflectido e capacidades naturais ou culturais que permitem a distinção verdadeiro / falso.

O signo só adquire significação no contexto público em que é usado intencionalmente – o uso dos signos é condicionado pela socialização.

Os actos linguísticos atestam como a linguagem está dependente da sociedade e como a significação das frases depende das intenções com que são usadas – o conteúdo semântico das proposições deriva da prática social.

A experiência colectiva é o fundamento do uso normativo e habitual da linguagem.

A linguagem é uma forma da vida humana que mostra o carácter social da natureza humana: falar faz parte de um modo de viver em sociedade.

ELOGIO DA FILOSOFIA, M. Merleau-Ponty

TEMA: O filósofo

O filósofo possui simultaneamente o gosto da evidência e o sentido da ambiguidade.

Os grandes filósofos adoptam o equívoco como tema e nele fundam certezas.

O filósofo recusa o direito de se instalar no saber absoluto, mesmo quando pretende construir uma filosofia absolutamente positiva; ensina o devir do saber absoluto; assume-se como aquele que sabe que nada sabe. Caracteriza-se pelo movimento que o leva, incessantemente, do saber à ignorância, da ignorância ao saber e por um certo repouso nesse movimento.

O filósofo conta apenas com a verdade, com ele próprio e com os outros. Quer estar simultaneamente em toda a parte, correndo o risco de não estar nunca inteiramente em nenhuma.

A oposição do filósofo nunca é agressiva; torna-se inquietante pela «rebelde doçura, sonhadora adesão e (...) presença impalpável».

Referência à situação do filósofo moderno – funcionário, escritor – que continua a admirar Sócrates, a sua antítese.

OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, B. Russell

TEMA: Existência do real

Rejeição do «eu pensante» cartesiano como ponto de partida da investigação acerca da natureza da realidade.

Consideração dos dados dos sentidos: algo de que não se possa duvidar como ponto de partida. Qualquer que seja o estatuto ontológico dos dados dos sentidos, quer nos dêem acesso à realidade das coisas ou apenas à sua aparência, é inegável que nos fornecem dados.

Consequência da não admissão de algo para além dos dados dos sentidos: o sujeito cognoscente como a única realidade existente.

V.S.F.F.

114/C/9

Problema: como justificar a crença na existência de pessoas e coisas que não se reduzem aos nossos dados dos sentidos.

Petição de princípio originada pela justificação da crença (diferentes pessoas, na mesma situação, percebem os mesmos objectos; ora o que se pretende provar é que existem outras pessoas, além de cada um de nós).

A insuficiência das tentativas de justificação parece levar a que se considere que apenas temos a garantia da existência dos nossos dados dos sentidos.

O argumento da simplicidade como o único que pode convencer-nos de que existem outras realidades, para além do sujeito cognoscente.

Limitações da argumentação: a existência do mundo exterior baseia-se numa crença no valor cognoscitivo dos sentidos cujo fundamento é biológico, instintivo.

## A PROBLEMÁTICA DA SAUDADE, Joaquim de Carvalho

TEMA: Vivência e saudade

A vivência da saudade (embora acompanhada de manifestações corporais) não se deixa caracterizar por actos expressivos, nem a partir deles se pode aceder à essência da saudade.

Ensimesmamento e distanciamento face à circunstância como traços próprios da consciência saudosa, mas não exclusivos dela.

Saudade como sentimento exclusivamente humano: dá-se numa consciência que vive emotivamente o tempo e como sentimento que pode ser comunicado, mas não transferido para outrem.

Sentir saudade implica a presença espiritual de seres ausentes ou de estados passados: a consciência prefere, ao que lhe é dado na experiência presente, algo já vivido anteriormente e que considera, afectivamente, superior.

Ter vivido e conservar um conjunto de recordações ligadas afectivamente, que a consciência compara à experiência presente, é condição indispensável da saudade. A consciência estabelece um contraste entre a realidade actual e a evocação de estados de consciência passados; contraste entre a realidade que se vive e a que se viveu e que se prefere.

A saudade é despertada pela falta de certas qualidades, constatada na experiência actual, que suscita a representação de algo ausente (possuidor dessas qualidades e vivido plenamente), acompanhada do desejo de a reviver com actualidade.

A consciência saudosa é uma manifestação vivencial de uma existência concreta: uma das maneiras pela qual a ipseidade de cada um responde à situação em que se encontra, em função da relação valorativa que estabelece entre a situação que vive actualmente e a que outrora viveu.

## DA ESSÊNCIA DA VERDADE, M. Heidegger

TEMA: A essência da verdade e a verdade da essência

A pergunta sobre a essência da verdade procura aquilo que caracteriza cada «verdade» como verdade.

A resposta à pergunta pela essência da verdade (reviravolta interior da história do ser, o ser aparece inicialmente como *alétheia*).

A verdade, na sua essência, é liberdade, mas o homem histórico, ao deixar-ser o ente, pode ocultá-lo – aparência: nela vem ao de cima a não-essência da verdade.

A liberdade como essência da verdade não é uma propriedade do homem (a não-essência da verdade não pode resultar apenas da mera impotência do homem); a não-verdade provém da essência da verdade: na sua essência, verdade e não-verdade pertencem uma à outra.

A essência da verdade não se esgota na correcção do enunciado; a não-essência também não pode ser equiparada à não-correcção do juízo.

A reflexão sobre a não-essência da verdade é o passo decisivo para colocar a questão da essência da verdade: a pergunta pela essência da verdade só atinge aquilo que se questiona quando se inclui na desocultação da essência a reflexão sobre a não-verdade.

A essência da verdade é a verdade da essência.

A pergunta pela essência da verdade nasce da pergunta pela verdade da essência.

## TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, P. Ricoeur

TEMA: A linguagem e as coisas

A linguagem como discurso – crítica ao formalismo da linguística estrutural, ao fechamento da linguagem sobre si mesma.

A dinâmica do discurso – da dialéctica evento-significação à dialéctica sentido-referência.

A linguagem não pode ser encarada como um mundo em si mesmo, as palavras, as frases, os textos não constituem mundos fechados; é a nossa vivência no mundo que nos permite trazer uma experiência à linguagem.

Função referencial do discurso. Ligação da linguagem ao problema da verdade: relação da linguagem com o real extralinguístico.

Distinção entre os dois modos de actualização do discurso – a situação de diálogo e a escrita:

– no diálogo, a relação entre o discurso e o referente patenteia-se na possibilidade de o locutor mostrar o referido;

– na escrita, a referência liberta-se do domínio situacional – o mundo referido passa a ser o conjunto das referências abertas pelo texto (potencialidade do texto poético e de ficção).

«Graças à escrita o homem, e só o homem, tem um mundo e não apenas uma situação.»